



FESTAS REAIS EM PORTUGAL E NO BRASIL COLÔNIA: organização, sentido, função social

Cybele Vidal Neto Fernandes

festas artistas
artífices barroco

O artigo trata do conceito de festa no mundo português e no Brasil colonial. Analisa os elementos que fazem parte de sua estrutura, assim como a relação com projeto único e a relação que mantém com as mais diversas camadas da população. A análise visa compreender a festa como expressão sociopolítica e cultural.

O cortejo joanino passeou-se com todo o seu esplendor, por ruas e praças de Lisboa até ao Terreiro do Paço, onde se apearam e se dirigiram, debaixo do pátio, levado por membros do Senado de Lisboa Ocidental (...) Os dias que se seguiram foram tempos de festa popular. Ao pasmo que as montanhas de ouro e as luzidias galas provocaram em todos os que, passivamente, se deixaram embalar pelas grandezas dos que iam passando pelas ruas e praças, seguiram-se dias de touradas e noites de luminárias e fogos de artifício no Terreiro e no Castelo, enquanto os salões do Paço da Ribeira se enchiam de bela música.¹

ROYAL FESTIVALS IN PORTUGAL AND COLONIAL BRAZIL: organization, meaning, social function| The article addresses the concept of festival in Portugal and colonial Brazil. It analyzes the elements that are part of its structure and the relationship with a unique project and the continuing relationship with the different layers of the population. The analysis aims to understand the festival as a cultural and socio-political expression. | Festivals, artists, crafts, Baroque.

Desde a antiguidade as sociedades organizavam cerimônias de comemorações motivadas por acontecimentos que fugiam à realidade cotidiana. Essas celebrações podiam referir-se a fatos extraordinários ligados à vida dos governantes, como nascimentos, mortes, casamentos, vitórias em batalhas, datas especiais referentes ao calendário anual, ou às festas religiosas. Eram acontecimentos singulares, impregnados de forte carga simbólica, capazes de sensibilizar a sociedade e promover momentaneamente uma transformação, uma nova ordem social. A festa criava um sentimento especial que unia os cidadãos em torno de um objetivo comum, a manifestação da aceitação do motivo da festa, através das mais diversas formas de expressão.

Prestígio das endoenças, c. 1722, nave da Igreja da Santa Misericórdia, Salvador, Bahia. Azuleijos de Portugal e Brasil. Revista Oceanos, Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, n. 36-7, outubro 1998-março 1999: 63-64. Foto André Ryoki.

Foi a partir do século 17, na corte de Luís XIV, na França, que as celebrações das monarquias ganharam maior importância em toda a Europa, com o surgimento do sistema absolutista e do fortalecimento dos Estados Nacionais. Naquela época, observou-se a reapropriação de antigas tradições ligadas às festas gregas e romanas, para homenagear a figura divina do rei e criar os magníficos cenários das festas reais, que se tornaram cada vez mais elaboradas. Sua realização promoveu a formação de equipes dos mais diversos profissionais, cada vez mais bem preparadas. Esse modelo francês espalhou-se por toda a Europa, graças às notícias e às gravuras que circulavam, especialmente sobre a corte de Versailles.²

Essa forma de celebração chegou a Portugal e alcançou ampla repercussão no país e nas colônias, onde as festas reais eram celebradas por ordem régia, mesmo que ocorressem muito tempo depois do acontecimento que as movera. As celebrações dos séculos 17 e 18 tinham ênfase na festa barroca, com todos os elementos que traduzissem o dramático, o excesso, o simulacro, o êxtase, a luz, a vida, a morte. Portugal soube interpretar com entusiasmo esse fenômeno, com celebrações comemoradas com toda a pompa, fosse na capital ou nas demais cidades e vilas do país e das colônias. Esse modelo alcançou o Brasil de forma oficial, ou chegou através dos artistas e artífices migrantes. Era inegável que o brilhantismo das celebrações dependia da participação de todos, letrados ou não, ricos ou pobres, nobres ou negociantes, representantes da Igreja, delegações estrangeiras.

Nas regiões interioranas, em especial em Minas Gerais, no século 18, esses acontecimentos alcançaram enorme sucesso a partir da descoberta de ouro e pedras preciosas, levando ao rápido aumento da população, graças à migração

interna, ou originada de Portugal e outros países, fato que impulsionou o surgimento de numerosas vilas e cidades. Essa população deu origem a uma sociedade muito complexa, na qual ambição de enriquecimento era o sentimento comum, alimentado pela euforia do ouro cada vez mais abundante. Nesse contexto, foi na região das Minas Gerais que ocorreram os mais grandiosos espetáculos ligados às festas reais e religiosas.³ Os diferentes grupos da sociedade atuavam em conjunto para a preparação da festa, participando com seu trabalho ou patrocinando parte dos festejos, visando sempre a seu brilhantismo. A festa promovia o conhecimento, o conagração, a alegria, o orgulho da cidade.⁴

Foi também no século 18 que ocorreu o fortalecimento das ordens terceiras, instituições que trouxeram alterações na ordem social, com suas organizações de caráter religioso e assistencial, pois promovia o orgulho do pertencimento. Suas regras e o cerimonial eram muito respeitados e reconhecidos, funcionando também como um sistema compensatório (uma vez que concedia alguns privilégios junto ao Senado da Câmara e a outros órgãos do governo). A rivalidade entre essas instituições resultou em várias iniciativas que identificavam o orgulho da população em defesa de suas tradições. As festas, a partir desse contexto, foram comemoradas com grande entusiasmo e pompa nas cidades e periferias.

A festa no mundo português

A historiografia da arte portuguesa tem-se dedicado ao tema da festa e trazido à luz notícias, documentos, relatos descritivos, com destaque especial para as festas de Lisboa e do Porto.⁵ Também no Brasil, desde o século 17, a Igreja realizou festas que congregavam todos

em torno de um fato extraordinário e ao mesmo tempo introduziam hábitos e costumes em uma população inculta e sedenta de formação e informação. Nesse sentido, há relatos que se referem às festas em que o papel da Igreja era primordial, especialmente na organização das procissões, que seguiam a tradição espanhola e portuguesa, nas quais a sociedade se fazia representar em suas diferentes camadas, como os religiosos, os homens nobres e de negócios, os militares, as ordens terceiras e as bandeiras de ofício, os homens simples, sendo famosos os relatos referentes à Bahia, a Pernambuco, ao Rio de Janeiro.⁶

Para compreendermos a festa no mundo português, em toda a sua expressão sociopolítica e cultural, vamos analisar os elementos de sua estrutura, assim como sua importância como móvel de um projeto único e grandioso que, para se realizar, dependia do envolvimento das mais diversas camadas da população, do nobre ao trabalhador comum, cada um realizando seu papel, cuja participação em função do brilhantismo da festa situa-se, pode-se dizer, no mesmo patamar de importância.

A organização

Todas as ações em favor da festa partiam do centro para as periferias, procurando unir todas as partes num todo comum, isto é, trabalhando no sentido de dar coerência a sua motivação, enfatizando a figura do governante e de todas as suas representações. Anunciada a festa, e previsto o tempo de preparação, convocavam-se as equipes de trabalho para a execução das tarefas programadas.⁷ Os festejos eram descritos por relatos de pessoas letradas, com licença oficial para realizar tais narrativas. Esses relatos funcionavam como “leitura autorizada” e se

detinham na organização das diversas etapas da festa, conduzindo o leitor a uma verdadeira viagem no tempo, criando também uma espécie de receituário, que a tradição consagrou.

A etapa de preparação dava-se logo após o anúncio da festa, mas nem sempre era cumprida dessa maneira; houve festas no Brasil, por exemplo, que ocorreram com grande defasagem em relação ao motivo que as originou, pois, muitas vezes, o anúncio da festa chegava ao interior com atraso, e os preparativos não terminavam no tempo previsto. Era comum, por exemplo, a dilatação do tempo de preparação em função da própria importância da festa, cujo programa, muito complexo, precisava contar com profissionais especializados, nem sempre existentes na região.

Entre os pesquisadores que mais contribuíram com o estudo do tema festas reais realizadas na cidade do Porto, Joaquim Jaime Ferreira-Alves conseguiu reunir farta documentação arquivística, analisada em seu trabalho *A festa barroca no Porto a serviço da família real na segunda metade do século 18. Subsídio para seu estudo*.⁸ Suas pesquisas vão ajudar-nos a compreender melhor a organização dos festejos, seu programa, a execução de seu projeto, o tempo da festa, cujo modelo posteriormente orientou as que foram realizadas no Brasil, até o século 19.

A razão da festa ou motivação, o anúncio, o bando

A motivação para as festas reais eram nascimentos, mortes, casamentos, comemorações nacionais relevantes. O primeiro passo era o anúncio, feito através de carta régia ao governador das Armas, ao Senado da Câmara, ao bispo, que se encarregavam de dar as primeiras notícias.

Seguia-se depois a divulgação da notícia ao povo, cuja participação era solicitada. O *tríduo*, determinava que a comemoração tivesse pelo menos iluminação por três dias, nas casas e na cidade, missas e procissões. O programa da festa era geralmente elaborado pelos homens cultos da cidade, que se reuniam em suas instituições e se colocavam a serviço do evento. Jaime Ferreira-Alves chama atenção para o fato de que nem sempre os três dias de programação eram respeitados, pois o entusiasmo do povo levava ao prolongamento das manifestações da festa por muitos dias.

A notícia era divulgada nas ruas pelo “bando”, grupo de pessoas que incluía o porteiro, o alcaide da cidade, e homens e oficiais. Seguiam em trajes de gala, alguns a pé outros a cavalo, todos bem-vestidos, a tocar tambores e clarins, chamando a atenção do povo nos dias que antecediam os festejos anunciando, ao longo do dia, a grata notícia. O bando tinha, na verdade, duas funções: levar a notícia e abrir os festejos com os sons, os trajes coloridos, o desfile, transmitindo a todos o sentimento da festa, a ser absorvido pelos habitantes da cidade.

Luz, sons ou ruídos

Elementos imprescindíveis na festa, seu uso era enfatizado, no sentido de contaminar a cidade e manter vivo o espírito da celebração. A luz era um artifício ao alcance de todos, pois poderia ser utilizada em maior ou menor quantidade, colocada nas fachadas ou completando os carros e demais arranjos ou as montagens em arquitetura efêmera, que se multiplicavam pelas praças e ruas. Segundo Jaime Ferreira-Alves, a luz transformava o cenário da cidade “vencendo a escuridão e seus medos”.⁹ O espaço da cidade se prolongava através da luz,

como diziam os cronistas sobre a cidade do Rio de Janeiro, no século 19, cujos morros surgiam ao longe, como um verdadeiro presépio, iluminado pelas velas de cera e lampiões variados. Nos salões ou construções efêmeras, os lustres de cristal iluminavam com suntuosidade o ambiente.

Às vezes, buscavam-se efeitos mais espetaculares com o uso da luz: é o caso dos “transparentes” ou painéis em papel com imagens ou textos escritos, que realçavam com o efeito das sombras contra a luz. As casas se enfeitavam e, ao mesmo tempo, faziam saudações aos homenageados com figuras simbólicas, votos ou versos, utilizando textos clássicos, escritos por pessoas de formação erudita, muitas vezes de difícil entendimento pelo povo comum, mas recebido pela população como forma correta de comunicação e saudação ao homenageado.

Como exemplo, lembremos a decoração que o artista inglês Mr. Bouck realizou, no Rio de Janeiro, por ocasião da festa de aclamação de dom João VI, quando foi contratado pelo intendente de polícia Paulo F. Viana para decorar a fachada de sua residência, no Campo de Santana. Mr. Bouck criou um aparatoso conjunto, com efeitos dos transparentes, com o retrato do rei, ao lado dos Gênios dos Três Reinos, Portugal, Brasil, Algarves, arrematado com a frase “A indelével memória da feliz coroação do Augusto Senhor dom João VI”.

Os sons eram também muito importantes: todos os sinos tocavam acordando a cidade; os navios faziam suas descargas nos portos e baías, os tambores se sucediam nos desfiles, o povo cantava, e os múltiplos sons se misturavam, mantendo a animação da festa. Seguindo a tradição, os relatos sobre as celebrações no Rio de Janeiro testemunham as salvas de canhões das fortalezas que protegiam a entrada da Baía de Guanabara



J. B. Decker del.

Lith. de Thierp. France.

ACCLAMATION DE DON PÉDRO I^{er} EMPEREUR DU BRÉSIL;
au camp de St. Anna, à Rio de Janeiro.

Aclamação de D. Pedro I Imperador do Brasil, no campo de St.^a Anna no Rio de Janeiro

e dos navios ancorados no porto, a acordar a população e a acompanhar os acontecimentos.¹⁰ Os homens ricos e de negócios promoviam bailes e jantares faustosos em suas residências, em que a música estava sempre presente.

Ofícios religiosos: missas, *Te Deum*, procissões

A Igreja tinha participação obrigatória nas festas, e o fazia com grande pompa, promovendo cerimônias para as quais eram preparados cenários

e ornamentações que às vezes ultrapassavam o espaço dos templos, quando havia cortejo pelas ruas – os moradores emolduravam as janelas com colchas e toalhas bordadas, jogavam flores, iluminavam suas casas, saíam às ruas para participar da celebração.

Nas solenidades da aclamação de dom Pedro I, o *Te Deum*, ou missa solene, foi celebrado na capela imperial, logo após dom Pedro ser aclamado pelo povo e homenageado com uma salva de 101 tiros, do palacete armado para a celebração, no

Campo de Santana. As procissões eram também desfiles de grande significação, contando com a presença das mais altas representações da Igreja, do Estado, da sociedade local, além dos grêmios e demais agrupamentos.¹¹ No Rio de Janeiro, a mais famosa era a Procissão das Cinzas, que seguia com grande aparato pelas ruas da cidade abrindo os festejos da Quaresma. Essas procissões barrocas, nas regiões interioranas, tinham um tom ainda mais dramático, sendo o ponto alto da festa nas comemorações em honra da família real ou nas festas do calendário litúrgico.

Touradas

Entre as muitas manifestações que ocorriam na festa, eram observados jogos e outras atividades de grande gosto popular, como as “touradas”. Eram espetáculos preparados com muito aparato, precedidos por desfiles alegóricos, pelo carro de aguar o chão, por música, dança e fogos de artifício. Não havendo praças de touros, eram montadas praças provisórias em algum terreno propício da cidade para abrigar os espetáculos: “Sobre os divertimentos o mais célebre e plausível é o combate de touros, ou seja a pé ou a cavalo: festa (...) para a qual todos concorrem com grandes gostos, e se fazem com muito aparato e magnificência”.¹²

Simulações de batalhas e lutas

Eram de grande gosto popular as lutas e simulações de batalhas vitoriosas, revividas através de um verdadeiro teatro de rua. As batalhas sempre foram apresentadas como espetáculo popular de sucesso, desde os tempos dos jogos romanos. Em Portugal, segundo Ferreira-Alves, tinham muita aceitação as lutas entre cristãos e mouros, nas

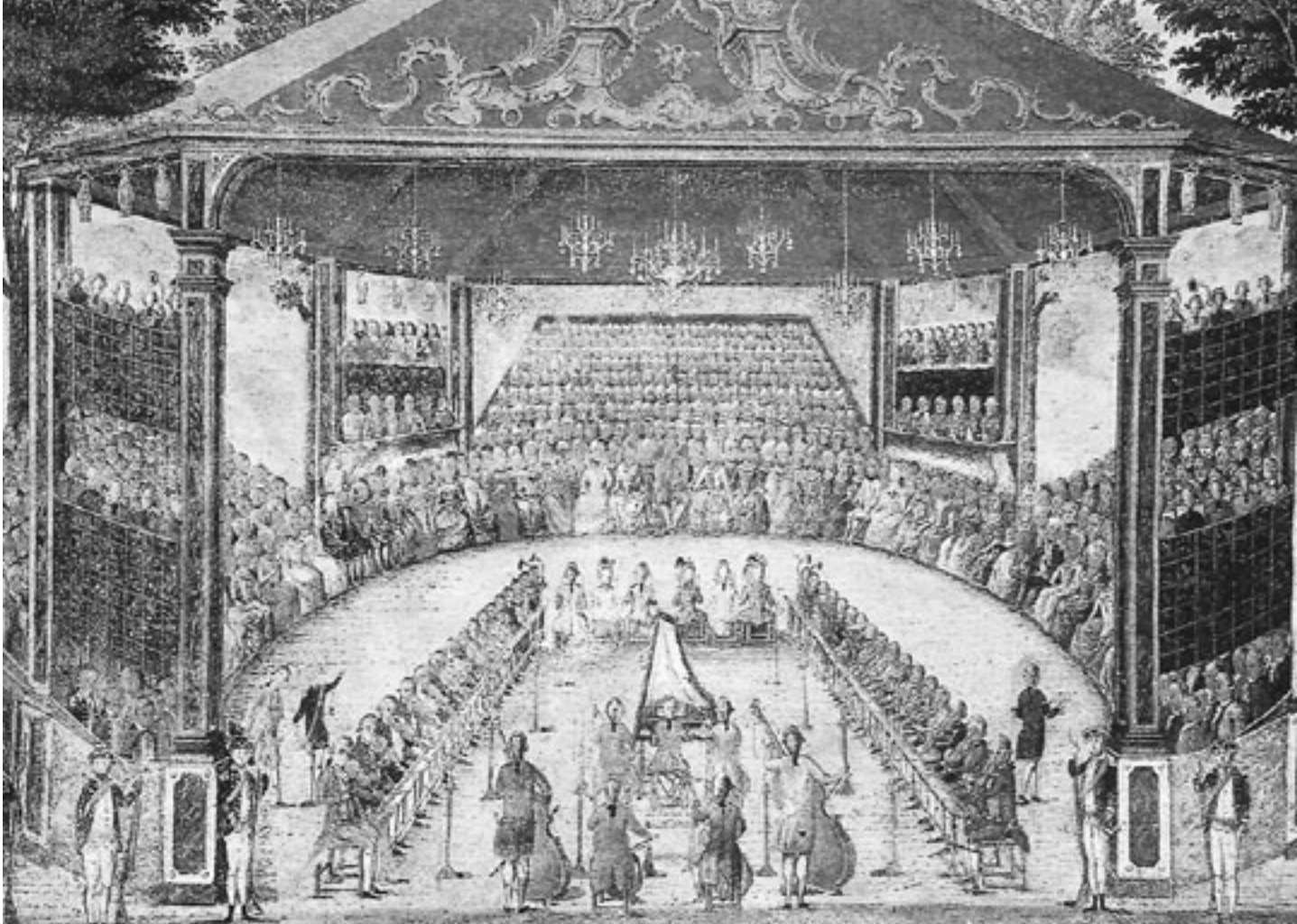
quais homens portando vestes e armas medievais lutavam em defesa de suas convicções religiosas. Às vezes esses combates se davam na arena, antes das touradas, animando o povo para a luta final com os animais. “Em 1757, João de Almada e Melo, para comemorar o aniversário de dom José I – em 6 de junho – realizou na Cordoaria um exercício militar que consistiu no ataque a uma fortaleza...”¹³

O teatro, as óperas, a música, o canto

A programação de gala dos teatros era muito esperada, principalmente as óperas, por serem espetáculos mais completos, com o canto e a dança, indumentárias apropriadas, cenários muito elaborados. Às vezes as companhias de óperas vinham de longe para promover os espetáculos, previamente anunciados, e muito aguardados pelo povo. Era comum as representações ultrapassarem os dias previstos para a festa, bem como haver necessidade de improvisar a construção de um teatro, resultando desses espaços efêmeros, por exemplo, o Teatro do Corpo da Guarda e posteriormente o Teatro São João, no Porto. No Brasil, na aclamação de dom Pedro I, Debret criou um novo pano de boca, uma alegoria na qual o governo imperial foi representado como uma mulher sentada e coroada, usando túnica branca e o manto ricamente bordado, portando as armas do imperador e segurando na mão direita a *Constituição do Brasil*.¹⁴

A arquitetura efêmera, os artistas e artífices

A festa transformava o espaço da cidade, com o recurso das arquiteturas efêmeras. Para realizá-las eram chamados os melhores artistas e artífices, mão de obra especializada, capazes de responder adequadamente pelos numerosos projetos de



Festas do casamento de dom João e dona Carlota Joaquina em Madri. Muzi (a.,d.,1785). Oleo sobre papel, 37 x 54 cm. Dom João VI e seu tempo. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999: p. 175. Lisboa, Coleção Maria Keil Amaral. Foto André Ryoki

cenários e carros alegóricos, de difícil execução. Desde o mais simples artesão ao mais bem formado, como o alfaiate, o ferreiro, o marceneiro, o arquiteto, o escultor, o pintor, todos eram requisitados para trabalhar em função da festa, geralmente em espaço de tempo muito reduzido.

A Igreja, as representações, o Exército, o Senado da Câmara, todos propunham projetos, cujos temas eram buscados no vocabulário clássico e nas gravuras das festas reais, que percorriam toda a

Europa. De modo geral, eram erguidas “varandas” para as autoridades, muitos arcos de triunfo e obeliscos, espaços provisórios para celebrações, teatros, monumentos ao homenageado. Sabe-se das atividades desses profissionais pelos numerosos contratos que assinavam para esses empreendimentos e também pelos frequentes processos referentes à falta de pagamento aos executantes.¹⁵

Por ocasião da aclamação de dom João VI foi erguida a Varanda da Aclamação, projeto do



J. B. Deshayé del.

Lith. de Thierry Schœler.

VIDEAT D'AVANT SCÈNE EXÉCUTÉ AU THÉÂTRE DE LA COUR, POUR LA RÉPRÉSENTATION D'APPARAT,
à l'occasion du Gouvernement de l'Empereur D. Pedro I.^{er}.

Pano de boca executado para o Teatro da Corte, para a representação da cerimônia por ocasião da coroação do imperador dom Pedro I.

arquiteto português João da Silva Muniz. Fazia face com a frontaria do antigo Convento do Carmo, abrindo-se para a praça através de 19 arcos, sendo o central destacado do plano de fundo, em formato de tribuna. No interior, ricos lustres de cristal, paredes revestidas de veludo e seda, e pinturas alegóricas no teto comemoravam as virtudes de dom João. Ali o rei, sentado no trono, de uniforme e segurando o cetro – de acordo com a tradição e o protocolo – foi aclamado, mas não coroado. A coroa foi depositada em uma almofada a seu lado, durante a cerimônia. A música ficou a cargo da orquestra de músicos austríacos trazidos pela princesa Leopoldina.

O espaço mágico da festa

A festa se fazia em grandes espaços, fossem os fechados das residências, edifícios públicos, igrejas e teatros ou os abertos das ruas e praças. Jaime Ferreira-Alves lembra que, na maioria desses espaços, havia a duplicidade do uso, que se alternava entre o sagrado e o profano. Geralmente determinada atividade tinha seu percurso demarcado por um mapa oficial, e esse espaço era então preparado adequadamente para tal função, como se pode observar em vários documentos da época.

Em 1810, para comemorar o casamento da infanta Maria Tereza, em uma armação munida

de fogos e profusamente iluminada, o *Gênio da Concórdia* coroava um grande painel oval com os retratos de dom João e dona Carlota Joaquina e, mais abaixo, protegidos pelo *Himeneu*, divindade grega protetora dos casamentos; outros dois painéis, colocados nas esquinas, tinham os retratos dos noivos, dom Carlos e dona Maria Tereza. Seis meses depois ocorreram mais sete dias de festas, a cargo do intendente de polícia Paulo Fernandes Viana. No Campo de Santana, foi montado um imenso jardim, com anfiteatro quase circular, com 348 camarotes, em dois andares. Uma ampla varanda com três janelas dava acesso à chamada Praça do Curro, com cenário tropical de jardim com palmeiras.

Fogos de artifício e carros alegóricos

Como a luz e os sons, os fogos de artifício não poderiam faltar nas festas reais, sendo utilizados de forma cada vez mais complexa. Recurso de grande efeito, requeria a contratação de especialista em sua preparação e estava associado às encomendas oficiais. Os fogos de artifício eram geralmente utilizados nas touradas e desfiles de carros alegóricos, e proporcionavam momentos espetaculares na festa.

Os carros alegóricos também não faltavam e eram sempre muito esperados. Criações muito originais, eram, de modo geral, oferecidos pelas

Vista exterior da varanda da aclamação de dom João VI (no Rio de Janeiro)

3ª Partie.

Pl. 50.



J. B. Delvaux del.

Lith. de Thierry Stone-Sculp. in England.

VUE DE L'EXTÉRIEUR DE LA GALERIE DE L'ACCLAMATION.

du Roi D. Jean VI.

(à Rio de Janeiro.)

associações de comércio e homens de negócio, e baseavam-se nos temas mitológicos, utilizando representações simbólicas e alegóricas, em função do homenageado. Eram construções bastante complexas, com figurantes fantasiados e recursos de jatos de água, luz, fogo, som. Esses desfiles buscavam animar o povo e estimular sua imaginação; assim sendo, adotavam também temas exóticos, recebidos com entusiasmo, ao lado do vocabulário clássico, mais comum, sendo lembradas a África, a China, as Américas com seus mistérios. No Campo de Santana, comemorando o casamento da infanta Maria Tereza, desfilaram vários carros alegóricos ofertados: 1- comerciantes do varejo e boticários (Carro da América); 2- ourives de ouro e prata (a dança dos chineses); 3- negociantes de secos e molhados e de louças (Carro da Imortalidade com a dança dos heróis portugueses); 4- artesãos latoeiros, ferreiros, segeiros, caldeiros (a dança dos mouros); 5- carpinteiros que executaram a obra do curro (danças militares); 6- um grande barco com bailarinos. O Carro da América representava o povo e as terras do Novo Mundo, através de uma montanha sobre a qual uma índia, de pé, simbolizando a América, a cabeça coroada com um cocar de penas coloridas, arco e flecha na mão, remetia à luxuriante floresta tropical, com sua rica vegetação, flores e animais. Nesse carro uma engrenagem fazia jorrar água ao longo do percurso, refrescando o ambiente.

Esse painel sobre as festas reais no mundo português revela que a festa é um acontecimento singular, que desde o passado se manifestou nas diferentes sociedades como instrumento eficaz de socialização e perpetuação das tradições. Muito importante em Portugal, chegou ao Brasil e, graças às características da sociedade colonial, foi assimilada de forma enfática, revelando a

complexidade da população, do espaço tropical, das lutas pela sobrevivência, da forte presença da Igreja, o verdadeiro poder em ação nas terras da colônia. A festa, como estrutura organizada, nunca foi estanque, e sofreu mutações ao longo do tempo, mantendo porém suas características mais marcantes, em função da glorificação do rei e da fé comum. No Brasil, a festa promovia, ainda, o conhecimento através do vocabulário esclarecido utilizado, dos mecanismos de perpetuação de tradições dos povos, das propagandas de ideias e ideais de amor à terra, ao governante, à ordem, como elementos estimuladores das ciências e das artes, como formação da ideia de Brasil.

NOTAS

1 Tedim, José Manuel. Triunfo da festa barroca na Corte de D. João V. A troca das princesas. *Revista Barroca*, n.19. Belo Horizonte, 2001-2004:121-136.

2 Benoist, Luc. *Versailles et la monarchie*. Paris: Éditions de Cluny a Paris, 1947, 5 V, V II, pranchas 23-31; Garnot, Nicolas Saint Fare. *Le décor des Tuileries sous le règne de Louis XIV*. Paris: Ed. De la Réunion des Musées Nationaux, 1988.

3 São muito conhecidos os relatos referentes às Procissões das Cinzas, de *Corpus Christi*, as entradas de bispos e principais da Igreja nas cidades, os festejos especiais das cidades e vilas, como o traslado do Santíssimo Sacramento da Igreja do Rosário dos Pretos, em Vila Rica, para a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em 1733, denominado o Triunfo Eucarístico. Essa festa reflete todo o contexto da sociedade setecentista das Minas e foi descrita pelo lisboeta Simão Ferreira Machado, em relato publicado em Lisboa, em 1734. Cf. Fernandes, Luciano Oliveira. Festa barroca e documento-monumento. Disponível em www.ichs.ufop.br/memorial/trab2/1521.pdf. Acesso em 17.9.2011.

4 Cf. Del Priore, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994; Ávila,

Afonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980; Arantes, Adalgisa. O Triunfo Eucarístico e a universalidade. *Revista Barroco* n.15. Belo Horizonte, 1992.

5 O tema das festas reais vem sendo estudado na Europa e em Portugal, inserido na história das mentalidades. Interessa-nos mais de perto a bibliografia ligada à Península Ibérica, pela aproximação das culturas espanhola e portuguesa, e seus reflexos nas festas da Corte. Foram contribuições ao tema: Bonnet Correa, A. Arquitetura efímera. Ornatos Y máscaras. El lugar y la teatralidade de la fiesta barroca. In *Teatro y fiesta em el Barroco. España e iberoamérica*. Barcelona: Ed. El Serbal, 1986; Tedim, J. M. A festa e a cidade no Portugal barroco. Disponível em ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7544.pdf. Acesso em 12.9.2011; França, José Augusto. *Lisboa pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1977.

6 Hansen, João Adolfo. *Festas e sociabilidade do poder real e as festas públicas no Rio de Janeiro colonial*. São Paulo: Edusp, 2001.

7 Gervásio, Flavia Klausung. *Festas para El Rei. Relatos e símbolos das festividades régias na América portuguesa setecentista*. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, UFMG, 2008.

8 Ferreira-Alves, J. J. A festa barroca no Porto ao serviço da família real na segunda metade do século XVIII. Subsídios para o seu estudo. *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, s.d. Disponível em ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2102. Acesso em 30.8.2011.

9 Ferreira-Alves, op. cit.:18.

10 Para descrição completa da cerimônia, ver Souza, Octavio Tarquinio de. A vida de D. Pedro I. In *História dos fundadores do Império do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 3v, 1988.

11 Segundo Maria Helena O. Flexor, passaram ao Brasil as *Procissões de El Rey ou Procissões Gerais*,

como rezavam as *Constituições Primeiras* ordenadas pelo *Direito canônico, leis e ordenações do Reino e costume do Arcebispado da Bahia*. Flexor, Maria H. O. *Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto*. Disponível em <http://www.ichs.ofop.br-memorial-trab.2-152>. Acesso em 30.8.2011.

12 Ferreira-Alves, op. cit.:24.

13 Ferreira-Alves, op. cit.:26.

14 Debret, J.-B. *Viagem pitoresca ao Brasil*. São Paulo: Edusp, 1978:326-329.

15 Para a festa eram convocados artífices e artistas disponíveis na cidade, obrigados a colaborar sob pena de multa. Havia trabalho para todos e seria impossível listá-los aqui. Quando os mestres franceses chegaram ao Rio de Janeiro no século 19, Grandjean de Montigny e Debret trabalharam muito para as festas da corte. Também são citados os artistas portugueses que estavam no Rio de Janeiro: o arquiteto João da Silva Muniz, na Aclamação de dom João VI; o inglês Mr. Bouck, no casamento da infanta Maria Tereza; Manoel da Costa, decorador português, pintor e cenógrafo, que chegou ao Rio de Janeiro em 1811; Luiz Xavier Pereira, maquinista do Teatro Real, e muitos outros registrados nos contratos de encomendas ou que ficaram no anonimato. Fernandes, C.V.N. As construções efêmeras e as transformações dos cenários para as festas e celebrações na Corte do Rio de Janeiro. *Anais do CBHA: Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Comarte*, 2009.

Cybele Vidal Neto Fernandes é doutora em história social da cultura, pós-doutoranda pela Universidade do Porto, Portugal, e professora do Departamento de História e Teoria da Arte do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ.